

CONFISSÕES

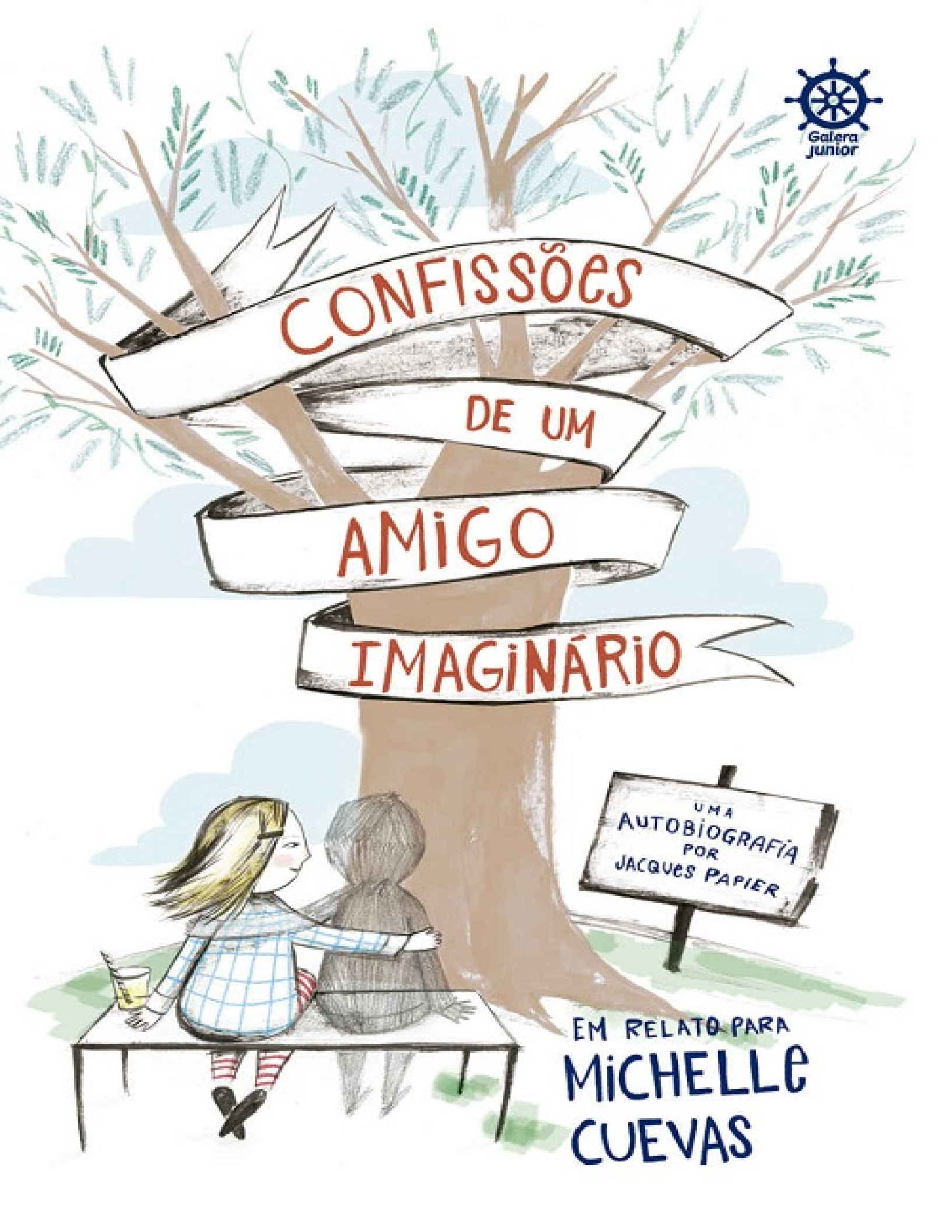
DE UM

AMIGO

IMAGINÁRIO

UMA  
AUTOBIOGRAFIA  
POR  
JACQUES PAPIER

EM RELATO PARA  
MICHELLE  
CUEVAS



# CONFISSÕES DE UM AMIGO IMAGINÁRIO



EM RELATO PARA  
MICHELLE  
CUEVAS

Tradução: Luisa Geisler

1 edição

GALERA  
**junior**

Rio de Janeiro

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cuevas, Michelle  
C972c Confissões de um amigo imaginário [recurso eletrônico] / Michelle Cuevas; tradução  
Luisa Geisler. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Junior, 2016.  
recurso digital

Tradução de: Confessions of an imaginary friend

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10856-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Geisler, Luisa. II. Título.

16-37376

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

*Confessions of an Imaginary Friend*

Copyright © 2015 Michelle Cuevas

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agencia Literária Riff.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-10856-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Para Carly:  
eu não conseguiria imaginar uma amiga melhor.*

## SUMÁRIO

Capítulo um  
TODO MUNDO ODEIA JACQUES PAPIER

Capítulo dois  
FRANÇOIS, O PERVERSO CACHORRO SALSICHINHA

Capítulo três  
OS FANTOCHES DE PAPIER

Capítulo quatro  
NÃO, DE VERDADE.  
TODO MUNDO ODEIA JACQUES PAPIER.

Capítulo cinco  
O MAPA DE NÓS

Capítulo seis  
MAURICE, O MAGNÍFICO

Capítulo sete  
BOQUIABERTO

Capítulo oito  
VISTO

Capítulo nove  
R DE RIDÍCULO

Capítulo dez  
EU E MEU (NOVO) MELHOR AMIGO

Capítulo onze  
UMA PEQUENA LISTA DE MELHORES AMIGOS EM POTENCIAL

Capítulo doze  
O GRANDE DRAGÃO ARENQUE

Capítulo treze  
A VAQUEIRA PATINADORA

Capítulo catorze  
UIVO, CRICRIDO, CANTO

Capítulo quinze  
POEIRA DANÇANTE

Capítulo dezesseis  
TODO MUNDO (AINDA) ODEIA JACQUES PAPIER

Capítulo dezessete  
A MARÉ ESTÁ SUBINDO

Capítulo dezoito  
EM QUE EU, JACQUES PAPIER,  
SOFRO UMA CRISE EXISTENCIAL

Capítulo dezenove  
AS PANELAS, AS FRIGIDEIRAS  
E NOSSAS VIDAS BOBAS INTEIRAS

Capítulo vinte  
A SEREIA E O CAVALO

Capítulo vinte e um  
SUPERLAMENTÁVEL

Capítulo vinte e dois  
A BREVE, MAS MALCHEIROSA, HISTÓRIA DA MEIA FEDORENTA

Capítulo vinte e três  
UM CONVITE

Capítulo vinte e quatro  
IMAGINÁRIOS ANÔNIMOS

Capítulo vinte e cinco  
A LUZ DO LUAR

Capítulo vinte e seis  
BICHO-PAPÃO

Capítulo vinte e sete  
UM MAPA DE MIM

Capítulo vinte e oito  
UMA LISTA DE COISAS QUE EU, JACQUES PAPIER, PLANEJAVAM  
FAZER COM MINHA LIBERDADE

Capítulo vinte e nove  
A ESCAPADA DO VAQUEIRO

Capítulo trinta  
COISAS PEQUENINAS

Capítulo trinta e um  
NAVEGANDO PARA LONGE

Capítulo trinta e dois

## ESCURIDÃO

Capítulo trinta e três  
LIBERDADE?

Capítulo trinta e quatro  
OS PISTOLEIROS DO DOCE

Capítulo trinta e cinco  
EU ME DEMITO!

Capítulo trinta e seis  
O FORMULÁRIO DE TRANSFERÊNCIA

Capítulo trinta e sete  
O ESCRITÓRIO DE TRANSFERÊNCIA

Capítulo trinta e oito  
A COISA QUE EU MAIS ODEIO

Capítulo trinta e nove  
MERLA + CACHORRO PRA 100PRE

Capítulo quarenta  
UM RETRATO DE JACQUES PAPIER

Capítulo quarenta e um  
EMERGÊNCIA IMAGINÁRIA

Capítulo quarenta e dois  
CARINHO NA BARRIGA E VAGALUMES

Capítulo quarenta e três  
O CACHORRO ~~COMEU~~ FEZ MEU DEVER DE CASA

Capítulo quarenta e quatro  
O MELHOR CACHORRO DE TODOS

Capítulo quarenta e cinco  
TUDO O QUE VAI FAZER FALTA

Capítulo quarenta e seis  
A TOUPEIRA PETRIFICADA

Capítulo quarenta e sete  
AMERELHO

Capítulo quarenta e oito  
PALAVRAS INEXISTENTES

Capítulo quarenta e nove  
O ATAQUE DO LAGOSTA

Capítulo cinquenta  
FARFALLE!

Capítulo cinquenta e um  
VOCÊ ESTAVA AQUI ESSE TEMPO TODO?

Capítulo cinquenta e dois  
A PRIMEIRA FRASE COERENTE DO BEBÊ BERNIE

Capítulo cinquenta e três  
AS PARTES OCULTAS

Capítulo cinquenta e quatro  
O MUNDO EM UM FOCO

Capítulo cinquenta e cinco  
SANTA FALHA FUTURA

Capítulo cinquenta e seis  
BERNARD, O INCRÍVEL

Capítulo cinquenta e sete  
E SEU ADORÁVEL ASSISTENTE

Capítulo cinquenta e oito  
OITOCENTOS BILHÕES DE ESTRELAS NOVAS

Capítulo cinquenta e nove  
GUELRAS E ASAS E ESCAMAS VERDES

Capítulo sessenta  
BEM-VINDO DE VOLTA, JACQUES PAPIER

Agradecimentos

Capítulo um  
TODO MUNDO ODEIA JACQUES PAPIER

Sim, mundo, estou escrevendo minhas memórias e já intitulei o primeiro capítulo assim:

*TODO MUNDO ODEIA JACQUES PAPIER*

Acho que traduz com exatidão o drama dos meus primeiros oito anos de vida de maneira poética. Logo vou avançar para o capítulo dois. Nele, confesso que o primeiro capítulo é, de fato, uma verdade aumentada, aumentada como o corpo do meu cachorro salsichinha, François. O aumento seria o termo todo mundo. Existem três exceções a essa regra.

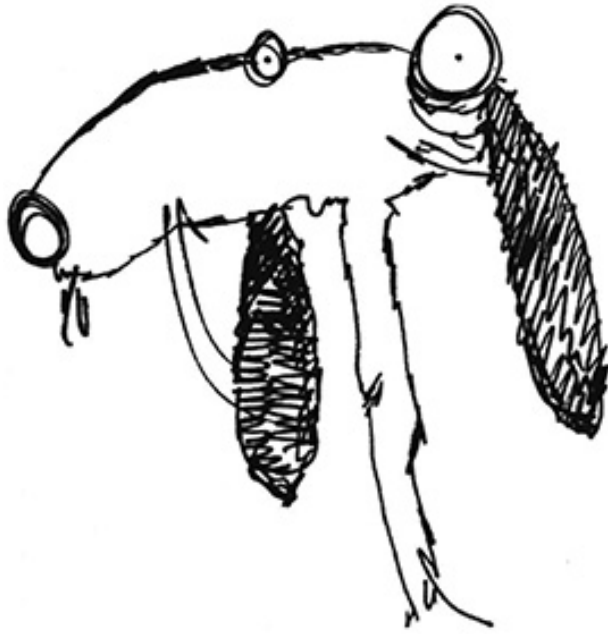
Elas são:

Minha mãe.

Meu pai.

Minha irmã gêmea, Fleur.

Se você for uma pessoa observadora, vai notar que eu *não incluí* François, o cachorro salsichinha, nessa lista.



## Capítulo dois

# FRANÇOIS, O PERVERSO CACHORRO SALSICHINHA

Um menino e seu cachorro são, bem provavelmente, a dupla mais clássica de todas as duplas clássicas.

Como pão e manteiga.

Como um pé esquerdo e um direito.

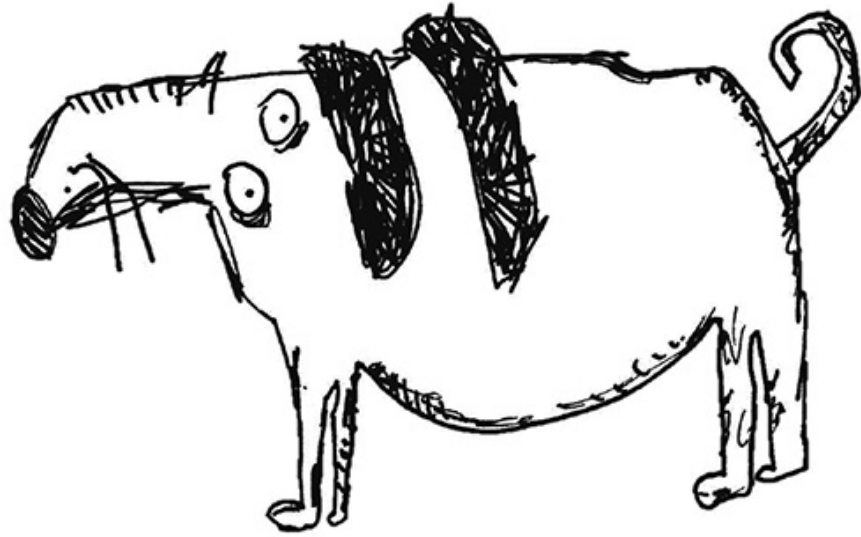
Como sal e pimenta.

Mas ainda assim.

Minha relação com François lembra mais pão velho e manteiga rançosa. Um pé esquerdo numa armadilha para urso. Sal e uma ferida recente. Você entendeu.

Para falar a verdade, explico que a culpa não é só do François: as cartas da vida foram terrivelmente distribuídas para ele. Para começo de conversa, não acredito que a pessoa responsável por fazer cachorros prestou muita atenção quando colocou pernas curtas num corpo com forma de banana. Talvez todo mundo fosse mal-humorado se a barriga limpasse o chão a cada passo.

No dia em que o trouxemos para casa, quando ainda era um filhote, François cheirou minha irmã e sorriu. Ele me cheirou e começou a latir: um latido que continuou nos oito anos em que estive ao alcance de seu nariz perverso.



## Capítulo três

# OS FANTOCHES DE PAPIER

É verdade que *Papier* é a palavra francesa para papel. Mas minha família não faz nem vende papel. Não, minha família está no ramo da imaginação.

— Tem tanta gente assim precisando de fantoches? — Fleur perguntou para nosso pai.

Honestamente, eu já tinha me perguntado isso muitas vezes sobre a loja de fantoche de nossos pais.

— Minha garota — respondeu meu pai. — Eu acho que a pergunta de verdade é quem *não precisa* de um fantoche?

— Floristas — respondeu Fleur. — Músicos. Chefs. Apresentadores de telejornal...

— Olá, bom dia — disse meu pai. — Eu sou um florista. Dizem que falar com as plantas faz com que elas cresçam mais rápido, e agora eu e o fantoche estamos conversando e nossas flores estão crescendo. — Ele girou o corpo. — Ora, olhe para mim, um pianista, com um fantoche em cada mão, então agora eu tenho quatro braços em vez de dois. Eu sou um chef de cozinha, mas em vez de luvas térmicas, eu tenho um fantoche para brincar. Ei, veja só, sou um apresentador de telejornal que dava as notícias sozinho, mas consegui um fantoche que faz comentários engraçadinhos.

— Está bem — disse Fleur. — Gente solitária que não tem com quem falar precisa de fantoches. Por sorte, eu e o Jacques temos um ao outro, e nós vamos brincar lá fora.

Eu sorri, acenei para nosso pai e segui Fleur para fora. O sininho da porta anunciou nossa saída do olhar frio dos fantoches, ao mesmo tempo que os raios de sol piscaram para nós por trás das nuvens.

Capítulo quatro  
NÃO, DE VERDADE.  
TODO MUNDO ODEIA JACQUES PAPIER.

A escola. Quem imaginou esse lugar cruel? Talvez seja a mesma pessoa que junta as várias partes de cachorros salsichinha. A escola é um excelente exemplo de um lugar onde todo mundo (todo mundo *mesmo*) me odeia. Permita-me ilustrar com exemplos desta semana:

Na segunda-feira, nossa turma jogou futebol. Os capitães foram escolhendo jogadores um por um. Quando chegou minha vez, eles foram embora e começaram o jogo. Não é que eu tenha sido escolhido por último: eu não fui *nem* escolhido.

Na terça-feira, eu era a única pessoa que sabia a capital da Alemanha. Levantei a minha mão o máximo que pude, acenei para a professora, como um fantoche se afogando no oceano. Mas a professora só disse:

— Mesmo? Ninguém sabe a resposta? *Ninguém?*

Na quarta-feira, durante o almoço, um garoto muito corpulento quase sentou em cima de mim, e eu tive que me arrastar do assento para evitar a morte certa.

Na quinta-feira, esperei na fila do ônibus, e, antes que eu pudesse subir, o motorista fechou a porta. Na minha cara.

— Ah, TÁ BRINCANDO! — gritei, mas as palavras desapareceram na nuvem da fumaça do escapamento. Fleur pediu para o motorista parar, desceu do ônibus e foi a pé comigo.

Então, na sexta-feira de manhã, implorei para meus pais me deixarem ficar em casa e não ir à aula. Eles nem disseram que não. Eles só me deram um gelo.

## Capítulo cinco

# O MAPA DE NÓS

Desde que consigo me lembrar, Fleur e eu temos feito o Mapa de Nós. Havia lugares fáceis de desenhar: o laguinho dos sapos, o campo com os melhores vagalumes e a árvore em que entalhamos nossos nomes.

E também havia elementos fixos em nosso mundo, como a Pico da Loja de Fantoques, os Fiordes de François e o Topo da Montanha de Mamãe & Papai.

Mas também havia os outros lugares.

Os melhores lugares.

Os lugares que só poderiam ser achados por nós.

Havia o riacho de lágrimas que Fleur chorou quando um garoto na escola riu dos dentes dela. O lugar onde enterramos uma cápsula do tempo. E o lugar de onde escavamos uma cápsula do tempo. E o melhor lugar de todos, o lugar onde a cápsula do tempo atualmente está (por enquanto). Havia a galeria de arte que fazia exposições com nossos desenhos de giz na calçada. E a árvore em que quebrei meu recorde de escalada e de onde também caí, mas não contamos para Mamãe e Papai. Havia o lugar onde os flamingansos, as vacachorros e os gorilagostas corriam e pastavam.

E o buraco no tronco de uma árvore onde eu guardava o sorriso da Fleur, aquele de quando ela sorri com os olhos, e não com a boca. Havia lugares para esconder, lugares para encontrar e poços profundos cheios de segredos.

Sim, como qualquer dupla de melhores amigos, havia um mundo inteiro que só poderia ser visto por ela e por mim.



## Capítulo seis

# MAURICE, O MAGNÍFICO

Em alguns sábados, nossa família ia ao museu para crianças da cidade, que na verdade era só um monte de bolhas de sabão, pedras antigas e coisas de bebê assim. Mas não era por isso que íamos para lá. Íamos porque, aos domingos, você ganhava pipoca grátis e podia “apreciar” a “mágica” de Maurice, o Magnífico.

Maurice era velho. Não velho como um avô, ou como um bisavô. Ele era velho *velho*. Velho como se as velas no bolo de aniversário custassem mais do que o bolo. Velho como se as suas memórias fossem em preto e branco.

E os truques de mágica! Os piores que já vi. Ele fez um em que uma pomba saía de um fonógrafo. Um fonógrafo! Esse cara devia ter pelo menos mil anos de idade. Sempre que íamos ao show dele, Fleur se inclinava para o lado a fim de que eu cochichasse meus comentários engraçadinhos.

— Maurice é tão velho — cochichei — que o boletim escolar dele era escrito em hieróglifos.

Fleur cobriu a boca com as mãos para conter as risadas.

— Ele é tão velho — continuei — que, quando ele nasceu, o Mar Morto tinha acabado de pegar uma gripe.

Infelizmente, naquele domingo específico, nenhum de nós notou que Maurice, o Magnífico, tinha *nos* visto ridicularizando o espetáculo.

— Garotinha. — Maurice parou na nossa frente com um coelho rabugento nas mãos. — Com quem você está cochichando?

— Esse é meu irmão — disse Fleur. — O nome dele é Jacques.

— Ah — disse Maurice, concordando com a cabeça. — E o que foi que o Jacques disse que era tão espirituoso?

As bochechas da Fleur ficaram vermelhas da cor do cabelo, e ela mordeu o lábio de vergonha.

— Bom — disse Fleur. — Ele acha que você é... velho. Ah, e uma farsa. Jacques disse que nada disso é de verdade.

— Entendi — falou Maurice. — Bom, o mundo está cheio de pessoas descrentes.

Maurice tentou fazer uns floreios para virar a capa, mas machucou as costas e mancou de volta para o centro do palco com a ajuda de sua bengala.

— Pessoas de pouca fé dirão que a mágica é apenas um faz de conta. E querem saber? Vocês não precisam dizer uma palavra para provar que eles estão errados. Tudo de que vocês precisam é disto.

Maurice tirou uma bússola quebrada do bolso de seu colete. Ela devia ser tão velha quanto ele, e a seta apenas apontava para uma única direção: diretamente para a pessoa que estava segurando a bússola.

— Venha aqui, garotinha. Você vai ser minha assistente.



Fleur se levantou e relutantemente se juntou a Maurice no palco. Senti uma pontada de culpa e torci para que ele não colocasse Fleur numa caixa e a cortasse ao meio.

— Tome isso — disse Maurice. Ele entregou a bússola a Fleur.

— Eu vou fazer você desaparecer — disse Maurice. Ele caminhou até um armário do tamanho de uma pessoa e apontou para que Fleur entrasse.

Ela entrou, e ele fechou a porta.

— Alakazam! — gritou Maurice. Eu não consegui evitar: virei os olhos em desdém.

Mas então, para meu completo choque, Maurice abriu o armário, e estava vazio! Um burburinho animado atravessou a plateia.

— Agora, Fleur — clamou Maurice. — Se você der três batidas na sua bússola, pode voltar para casa.

Ele fechou a porta do armário, esperou por três batidinhas e, quando abriu a porta, *PUF!* Lá estava Fleur.

Ora, obviamente, a audiência enlouqueceu, e o velho Maurice se curvou para agradecer (ou não; era difícil saber, pois a postura dele era muito

torta). Fleur tentou devolver a bússola, mas Maurice fez que não com a cabeça e fechou a mão de Fleur em volta da bússola.

— O universo é um mistério, com *M* maiúsculo — disse Maurice. — O impossível é possível. E você, Fleur, parece o tipo de garota que sabe que a *realidade* está apenas nos olhos de quem vê.

## Capítulo sete

# BOQUIABERTO

No dia seguinte, eu brincava com a bússola do espetáculo de mágica, tentando fazer François, o cachorro salsichinha, desaparecer, quando ouvi meus pais entrando no quarto deles. As paredes na residência Papier são finas como papel, e por isso pude ouvir a conversa que mudou o curso da minha vida.

— Você acha que — ouvi minha mãe dizer — existe uma coisa como imaginação *demais*?

— Talvez — respondeu meu pai. — Talvez tenha sido errado criar nossa garota no meio de tantos fantoches. Talvez todos esses olhos saltados e bocas que se movem a tenham confundido.

Ouvi minha mãe suspirar.

— E não devíamos ter fingido acreditar por tanto tempo. Os beliches foram uma coisa, mas colocar um lugar a mais na mesa? Uma escova de dentes a mais? Comprar um segundo conjunto de livros para a escola? Acho que imaginei que a Fleur ia crescer e deixar de ter um amigo imaginário sozinha.

Eu estava chocado.

Eu estava estupefato.

Eu estava boquiaberto.

Minha irmã, minha parceira, tinha um amigo imaginário sobre quem ela nunca tinha me contado.

## Capítulo oito

# VISTO

Oh, Fleur!

Nós dividimos tudo: beliches, banhos, banana splits. E nem vou seguir nas outras letras do alfabeto. Uma vez nós dividimos, pode se preparar, um pedaço de chiclete. Ela estava mascando um chiclete, e eu, não; então ela dividiu o chiclete em dois como um rei Salomão das guloseimas. Talvez fosse nojento. Talvez fosse amor. E talvez fosse uma mistura grudenta dos dois.

E agora um segredo monumental como um amigo imaginário?

Nós éramos muito próximos. Fleur podia ler minha mente. Ela sabia o que eu estava pensando antes de mim.

— O que vocês querem para o café da manhã? — nossa mãe costumava perguntar. E Fleur gritava de volta:

— Jacques quer uma panqueca na forma da “Sinfonia número 40” de Mozart! Em sol menor!

A parte mais esquisita? Eu queria isso. Eu *queria*.

A verdade é que é isso que qualquer pessoa quer: ser conhecida dessa maneira, ser vista. E não falo do nosso cabelo, ou de nossas roupas, eu quero dizer *vista* mesmo por quem somos de verdade. Todos nós queremos encontrar aquela pessoa que conhece nosso eu real, nossas esquisitices, e,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Confissões de um amigo imaginário" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).